

NA TROCA DO PLANTÃO MÉDICO



Quem morou na cidade de Siderópolis, mais precisamente no Rio Ex-Patrimônio entre as décadas de 1950 e meados de 1990 deve ter conhecido ou ao menos ouvido falar do senhor Albino Neotti (em memória), meu nonno materno. Nonno Bino, como era carinhosamente chamado, era uma pessoa cômica, do tipo que gostava de dar boas risadas e fazer todos rirem; lembro daquele homem de altura mediana e magricelo, com as costas arcadas e apoiando os braços finos sobre os joelhos “ajojado” de tanto rir ao contar suas proezas, e são muitas! Como a vez que chegou bêbado em casa e na madrugada abriu a porta do guarda-roupa para aliviar a bexiga achando que estava na patente, ou da vez em que ficou internado no hospital

e por não conhecer um banheiro acabou por usar a pia para fazer aquilo que devia ter sido feito no vaso sanitário, sim, exatamente isso que você está pensando.

Vale lembrar que estamos falando de uma época onde as casas do interior em sua maioria não possuíam banheiros, chuveiro elétrico era artigo de luxo, minha mãe conta que até meados dos anos de 1970 a casa em que moravam no Rio Ex-Patrimônio em Siderópolis, ainda não possuía eletricidade. Os tempos eram outros, sem televisão e internet a distração a noite era ouvir nos rádios movidos a pilhas, as modas sertanejas e manter boas conversas, se cultivava o costume de visitar as pessoas, de contar histórias, costumes que bem sabemos tem se acabado.

Por incrível que possa parecer, nonno Bino, gostava de hospital, fazia gosto de ficar internado, aproveitava para fazer novas amizades, conversar com as enfermeiras e ter uma rotina mais amena do que a vida no campo proporcionava, a essa altura, já estava aposentado da mina, vivera na roça, desde criança uma vida de privações e muito trabalho braçal, aos 40 anos as pessoas já eram consideradas velhas, os poucos recursos faziam com que os sintomas típicos da velhice chegassem mais cedo.

Dizem, que nonno Bino era sensível à dor física, costumava exagerar ao relatar suas dores, não bastasse isso, quando resolia se “hospedar” no hospital era preciso dar aquela encenada para convencer os médicos, a de se ressaltar que por vezes também se fazia necessário o tratamento médico. Quando não se sentia muito bem, acordava cedo, se arrumava e avisava a família:

– Estou indo ao médico, não estou me sentindo bem, se não voltar hoje não se preocupem, é porque fiquei internado.

Naquele tempo para se consultar era preciso ir de ônibus até a cidade de Criciúma, poucos tinham carro, telefone então nem se fala.

Logo a fama do seu Albino se espalhou entre os médicos com quem costumava se consultar, com o tempo eles perceberam que o velhinho costumava exagerar na descrição de suas enfermidades, tudo para tirar uns dias de folga no hospital, lá as enfermeiras já o conheciam pelo nome, e cultivavam por ele certo carinho, nonno Bino era muito comunicativo, fazia amizades fácil, contava histórias como ninguém, estava sempre rindo e fazendo os outros rirem, onde ele estava era alegria na certa, sua popularidade dentro do hospital lhe rendia algumas regalias, como passe livre na

cozinha para tomar um cafezinho fora de hora e um cantinho escondido para dar aquela pitada no cigarro de palha.

Em uma de suas idas ao posto de saúde onde costumava se consultar em Criciúma, o doutor desconfiou que seu Albino não necessitava de internação, prescreveu medicação para os sintomas descritos e o liberou mesmo diante da insistência do velho em ser internado.

– Nada disso seu Albino, seu caso não é para internação, tome essa medicação que o senhor vai ficar bom. Disse o médico, já se preparando para sair, pois aquele era o último atendimento do plantão e ele parecia estar atrasado.

Inconformado, o velho resolveu dar sua última cartada em busca de seu objetivo, pensou: andando uns 300 metros ele poderia ser atendido no pronto socorro do hospital que ficava ali perto. E assim o fez, depois de caminhar por alguns minutos chegou ao hospital, fez sua ficha e aguardou até ser chamado pelo médico, ele só não esperava que seria o mesmo médico que o atendeu minutos atrás:

– Seu Albino! o senhor de novo? Esbravejou o médico que saíra de seu último atendimento no posto de saúde para iniciar seu plantão no Hospital.

Desconcertado o velho exclamou:

– Doutor eu quero me internar!

Desta vez não foi preciso mais argumentos, irritado o médico chamou o enfermeiro:

– Leva esse velho e faz a ficha de internação que eu não quero mais me estressar com ele.

A quem diga que entre os funcionários do hospital era motivo de alegria tê-lo ali, até os outros internados se divertiam com suas histórias e assim tinham uma estadia mais amena em um local onde não se vê muita alegria.

Como tudo nesta vida é passageiro, nonno Bino cumpriu sua missão, e nos deixou em 9 de fevereiro de 1996, aos 76 anos, seus últimos dias foram na cama de sua casa, debilitado por um câncer. A última vez que o vi, quando abriram o vidro de sua urna funerária, antes de colocá-lo em seu descanso eterno, nonno Bino já não estava com a fisionomia séria do seu velório, surpreendentemente seu rosto expressava alegria, estava sorridente, havia voltado a sorrir ao se despedir e descansar!

Narrador: Macsuel De Bona, historiador, pós-graduado em Patrimônio Cultural.